

Sarney

Da glória à rejeição

23 AGO 1988

Ruy Lopes

JORNAL DE BRASÍLIA

A credibilidade do Governo Sarney desceu a 5,5%, de acordo com pesquisa publicada por este jornal no último domingo. Como essa porcentagem está muito próxima da margem de erro tecnicamente admissível em trabalhos desse tipo, abre-se a possibilidade de que esta administração tenha batido o recorde mundial de rejeição popular, nas vizinhanças da unanimidade contra.

Antes de entrar na análise desse resultado, não se pode deixar de fora a lembrança de que o presidente Sarney desfrutava, há cerca de dois anos, dos mais altos índices de popularidade que um governante já ostentou neste País. O que mudou, entre o auge da glória e estes tempos de vergonha?

A resposta deve ser procurada no campo da economia, até porque não tivemos modificações substanciais na área política, nem das comunicações sociais. O Governo não pode considerar-se vítima de uma conspiração da mídia para denegrir sua imagem; na verdade, os meios eletrônicos têm-se esforçado para projetar seus pontos positivos. Se nada mudou, exceto no setor econômico, estão aí as causas do desastre.

O nível mais alto de aceitação do Governo foi registrado ainda no período do Plano Cruzado. Todos creditam a Funaro e a um grupo de técnicos as virtudes desse plano e debitam a Sarney a derrocada. No entanto, coube a Sarney impor, contra a opinião dos técnicos, o fim da correção monetária, que foi o ponto alto do esquema. Na-

quele tempo, o Presidente era outro, firme e decidido.

A mudança começou com um pecado venial: a recusa em realinhar preços obviamente defasados, o que implicaria pequenos reajustes em todo o Plano. Esse erro trouxe consigo o ágio, que imediatamente invalidou a taxa de câmbio congelada. De um momento para outro, o Brasil passou a perder dólares aos borbotões.

Em vez de enquadrar os que evadiam divisas, o Governo cometeu o erro fatal de elevar as taxas de juros, saída bem ao gosto dos economistas ortodoxos e de seus mecenas, os banqueiros. O pressuposto era de que a turma deixaria de comprar dólares no paralelo e deixaria o dinheiro no País. Essa capitulação inviabilizou o congelamento, de vez que ninguém poderia manter preços estáveis com juros reais superiores a 50% ao ano.

A capitulação na frente interna para a especulação financeira somou-se a rendição no plano externo. A moratória, que nunca passou de um arremedo, pois só atingiu pequena parte dos débitos, foi abandonada integralmente. Voltamos às negociações de antes, mas sem nosso principal guru, o Tony Gebauer, ora hóspede de uma penitenciária dos Estados Unidos.

Os velhos erros trouxeram consigo os ingredientes das velhas crises. Pena que Sarney já não tenha credibilidade para tentar novos caminhos.